 Tempo de leitura: 5 min.

Nós temos um sonho. E é a nossa maior riqueza

Há duzentos anos, um menino de nove anos, pobre e sem outro futuro senão ser camponês, teve um sonho. Ele o contou pela manhã para sua mãe, avó e irmãos, que riram dele. A avó concluiu: “Não se deve dar atenção aos sonhos”. Muitos anos depois, aquele menino, João Bosco, escreveu: “Eu era da opinião de minha avó, mas nunca consegui tirar aquele sonho da cabeça.”
Porque não era um sonho como tantos outros e não morreu ao amanhecer.
Ele voltou e voltou de novo. Com uma carga de energia avassaladora. Foi uma fonte de alegre segurança e força inesgotável para João Bosco. A fonte da sua vida.
No processo diocesano para a causa de beatificação de Dom Bosco, o Padre Rua, seu primeiro sucessor, testemunhou: “Lúcia Turco, membro de uma família onde Dom Bosco costumava entreter-se com os irmãos dela, me contou que numa manhã o viram chegar mais alegre do que de costume. Quando lhe perguntaram qual era a causa, ele respondeu que havia tido um sonho durante a noite, que o havia deixado muito feliz. Pediram-lhe que contasse o sonho. Ele falou que tinha visto uma Senhora vindo em sua direção, com um rebanho muito grande atrás de si, que se aproximou dele, chamou-o pelo nome e disse: “Oi, Joãozinho: confio todo esse rebanho aos teus cuidados”. Soube então por outros que ele perguntou: – Como vou cuidar de tantas ovelhas? E de tantos cordeiros? Onde encontrarei pastagens para mantê-los? A Senhora lhe respondeu: – Não tenhas medo, eu te ajudarei; e depois desapareceu.
A partir daquele momento, seu desejo de estudar para se tornar padre se tornou mais ardente; mas surgiram sérias dificuldades por causa da pobreza de sua família e também por causa da oposição de seu meio-irmão Antônio, que gostaria que ele trabalhasse no campo como ele…”
De fato, tudo parecia impossível, mas a ordem de Jesus tinha sido “imperiosa” e a assistência de Nossa Senhora tinha sido docemente garantida.
O P. Lemoyne, primeiro historiador de Dom Bosco, de fato resumiu o sonho da seguinte forma: “Pareceu-lhe ver o Divino Salvador vestido de branco, radiante com a mais esplêndida luz, no ato de conduzir uma multidão inumerável de jovens. Voltando-se para ele, disse: – ‘Venha cá: coloque-se à frente desses jovens e conduza-os você mesmo’. – ‘Mas eu não sou capaz’, respondeu João. O Divino Salvador insistiu imperiosamente até que João se colocou à frente daquela multidão de rapazes e começou a conduzi-los exatamente como lhe havia sido ordenado.”

No seminário, Dom Bosco escreveu uma página de admirável humildade como motivação para a sua vocação: “O sonho de Morialdo sempre me impressionou; na verdade, ele renovou-se em outras ocasiões de modo muito mais claro, de modo que, se quisesse acreditar nele, deveria escolher o estado eclesiástico, para o qual achava que eu estava inclinado: mas não queria acreditar em sonhos, e o meu modo de vida e a absoluta falta das virtudes necessárias para esse estado tornavam essa decisão duvidosa e muito difícil”.
Podemos ter certeza: ele havia reconhecido o Senhor e sua Mãe. Apesar de sua modéstia, ele não duvidava de forma alguma de que havia sido visitado pelo Céu. Tampouco duvidava de que essas visitas tinham a intenção de revelar a ele seu futuro e o de seu trabalho. Ele mesmo disse: “A Congregação Salesiana não deu um passo sem ser aconselhada a fazê-lo por um fato sobrenatural. Não chegou ao ponto de desenvolvimento em que se encontra sem uma ordem especial do Senhor. Toda a nossa história passada, poderíamos ter escrito antecipadamente em seus mais humildes detalhes...”.
É por isso que as Constituições Salesianas começam com um “ato de fé”: “Com sentimento de humilde gratidão, cremos que a Sociedade de São Francisco de Sales não nasceu de simples projeto humano, mas por iniciativa de Deus”.

O Testamento de Dom Bosco

O próprio Papa ordenou a Dom Bosco que escrevesse o sonho para seus filhos. Ele começou assim: “Para que servirá então este trabalho? Servirá de norma para superar as dificuldades futuras, aprendendo as lições do passado; servirá para dar a conhecer como o próprio Deus conduziu todas as coisas a cada momento; servirá de ameno entretenimento para meus filhos quando lerem as aventuras em que andou metido seu pai; e haverão de lê-las com mais gosto quando, chamado por Deus a prestar conta dos meus atos, já não estiver entre eles.”
Dom Bosco revela claramente sua intenção de envolver o leitor na aventura narrada, a ponto de fazê-lo participar dela como uma história que lhe diz respeito e que ele, atraído pela narrativa, é chamado a prosseguir. A narração do sonho torna-se claramente o “testamento” de Dom Bosco.
Aqui está a missão: a transformação do mundo a partir dos menores, dos mais jovens, dos mais abandonados. Há o método: bondade, respeito, paciência. Há a segurança da forte proteção da Santíssima Trindade e da terna e maternal proteção de Maria.
Nas *Memórias do Oratório*, Dom Bosco conta que vinte anos depois do primeiro sonho, em 1824, ele teve naquela noite outro sonho, que parece um apêndice do que tive nos Becchi aos 9 anos. Sonhei que estava no meio de uma multidão de

lobos, cabras e cabritos, cordeiros, ovelhas, bodes, cães e pássaros. Faziam todos juntos um barulho, uma desordem, ou melhor, uma inferneira de espantar os mais corajosos. Ia fugir, quando uma senhora, muito bem trajada à moda de pastorinha, fez um gesto para que seguisse e acompanhasse o estranho rebanho; enquanto isso ela se punha à frente.

Depois de muito andar, encontrei-me num prado onde os animais saltitavam e comiam juntos, sem que nenhum deles tentasse fazer mal aos outros.

Esgotado de cansaço, queria sentar-me à beira de um caminho aí perto, mas a pastorinha convidou-me a continuar andando. Após andar um pouco, encontrei-me em vasto pátio rodeado de pórticos, em cuja extremidade se erguia uma igreja.

Percebi então que quatro quintos dos animais haviam-se transformado em cordeiros. O número deles tornou-se depois muito maior. Naquele momento chegaram alguns pastorzinhos para vigiá-los. Mas ficavam pouco tempo e iam-se embora. Aconteceu então uma coisa maravilhosa. Muitos cordeiros convertiam-se em pastorzinhos, que cresciam e passavam a tomar conta dos outros. Eu queria ir embora, mas a pastora me convidou a olhar para o sul. Olha outra vez – disse-me.

Olhei de novo. Vi então uma igreja estupenda e alta. No interior da igreja havia uma faixa branca, na qual estava escrito em caracteres garrafais: “*Hic domus mea, inde gloria mea*” [*aqui é minha casa, daqui sairá a minha glória*].

É por isso que, quando entramos na Basílica de Maria Auxiliadora, entramos no sonho de Dom Bosco.

Que pede para se tornar o “nosso” sonho.